



Reflexões em torno de uma trajetória: o ingresso de J. Miguel de Matos na Academia Piauiense de Letras

GISLANE CRISTIANE MACHADO TÔRRES*

A noite de 18 de dezembro de 1973 representou para J. Miguel de Matos¹ a concretização de um sonho: o ingresso na Academia Piauiense de Letras². Militar aposentado que dedicou-se ao romance, à poesia, ao jornalismo e à produção de antologias de caráter genealógico e biográfico sobre homens de letras e agentes públicos atuantes na cultura piauiense, J. Miguel de Matos foi empossado na instituição cultural mais antiga do Estado após amargar derrotas em campanhas realizadas nos anos de 1967 e 1971. As reflexões sobre sua trajetória de vida apresentadas em livros, colunas de jornais e em seu discurso de posse nos servem de pretexto para a escrita desse texto que busca entender, a partir das experiências escriturísticas de J. Miguel de Matos, como este sujeito construiu sentidos sobre si tendo como referência as candidaturas à Academia Piauiense de Letras.

O que nos motiva para o estudo dessa trajetória não é o elogio das práticas desse sujeito tampouco a análise de sua obra literária mas sim, a tentativa de compreender por meio suas práticas e posicionamentos o que levou o sujeito J. Miguel de Matos a julgar-se merecedor da distinção literária motivando-o a candidatar-se à imortalidade acadêmica. Nas campanhas empreendidas visando o ingresso na Academia Piauiense de Letras, este escritor utiliza como argumento a seu favor as repercussões positivas de *Brás de Santinha*, sua obra de estreia no mundo das letras em 1958 e o gradativo reconhecimento conquistado com sua participação na imprensa local. A produção escrita de J. Miguel pode ser caracterizada, grosso modo, tomando como referência sua eleição para a Academia Piauiense de Letras: os textos anteriores a 1973 são utilizados por esse sujeito como mecanismo de projeção social e crítica

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás. Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Instituto Federal do Piauí – campus Teresina Zona Sul.

¹ Literato, jornalista, antologista e biógrafo José Miguel de Matos nasceu em Floriano em 1923 e faleceu em Teresina em 2000. Foi membro da Academia Piauiense de Letras, da União Brasileira dos Escritores (UBE – Seção Piauí) e do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí. Participou do Movimento de Renovação Cultural e fundou as revistas *Mafrense* e *Destaque*. Sua produção bibliográfica é composta pela novela *Brás de Santinha* e obras dedicadas a análise da produção literária do Piauí como *Antologia Poética Piauiense*, *Caminheiros da Sensibilidade*, *Mosaico* e *Perfis*. Deixou sem publicação *Da Rua do Molambo à Academia Piauiense de Letras* em que anunciava narrar sua trajetória de vida desde o nascimento até sua eleição para Casa de Lucídio Freitas.

² Fundada em 30 de dezembro de 1917 pela iniciativa dos intelectuais, Higinio Cunha, Clodoaldo Freitas, Lucídio Freitas, João Pinheiro, Edison Cunha, Jônatas Batista, Celso Pinheiro, Antônio Chaves, Benedito Aurélio de Freitas e Fenelon Castelo Branco, a Academia Piauiense de Letras, é referência no cenário cultural piauiense por ser a instituição literária mais antiga ainda em atividade e por reunir em seus quadros representantes de várias áreas de atuação cultural. Atualmente, a Academia Piauiense de Letras possui 40 sócios efetivos.

às atuações dos acadêmicos, já os textos posteriores apresentam um autor preocupado em conciliar as críticas anteriormente enunciadas com a legitimação e distinção social adquiridas com seu ingresso no sodalício.

Após sua primeira derrota, J. Miguel de Matos publica em 1969 o livro autobiográfico *Pisando Meus Caminhos*, em que narra episódios de sua infância e adolescência tomando a memória como suporte de seus relatos. Colaborador ativo da imprensa teresinense, após 1967 o autor acrescenta a seus discursos, um posicionamento crítico em relação à atuação da Academia Piauiense de Letras, e compromete-se junto a seus leitores e apoiadores a continuar sua luta para ingressar no sodalício, colocando como objetivo principal dessa empreitada, retirar a instituição do papel de mera executora de ações propostas pelo governo estadual. Nesse sentido, seus textos adotam uma postura ora de admiração pela trajetória histórica do sodalício, ora de questionamento em relação aos acadêmicos sobretudo no que diz respeito às suas qualidades literárias e aos interesses políticos e familiares que pautam suas decisões em momentos de eleição.

Em seu discurso de posse, marcado por emoção e ressentimento em virtude das derrotas sofridas anteriormente, J. Miguel de Matos faz referência à batalha da qual saiu vencedor e, ao pedir licença aos atuais acadêmicos para entrar no sodalício conclui afirmando “não me fiz acadêmico para ser imortal, fiz-me imortal para ser acadêmico!” (MATOS, 1980: 67). Nesse discurso, J. Miguel de Matos lança mão da memória não apenas para fazer o protocolar elogio ao patrono e ocupantes anteriores da cadeira número 05, mas para narrar aventuras e dificuldades financeiras da infância e adolescência, a descoberta do mundo das letras, as experiências no mundo do trabalho. As campanhas empreendidas entre os anos de 1967 e 1973 são utilizadas como elemento articulador de suas experiências de vida, instrumento por meio do qual o novo acadêmico constrói e reconstrói sua identidade.

À exceção de sua novela de estreia no campo ficcional e de coletâneas de artigos publicados nos jornais de Teresina, as obras escritas por ele são frutos de pesquisa e reflexão sobre a literatura piauiense, seja como um esforço de historicizá-la ou traçar de perfis biográficos dos escritores por ele selecionados. Considerando os anos de 1958 e 1980 como marcos de publicação de suas obras, portanto intervalo anterior e posterior a seu ingresso na Academia Piauiense de Letras, entendemos esses textos como espaços de memória que visam tanto a aproximação do autor com o mundo acadêmico, reforçando sua admiração e dedicação

para instituir uma memória institucional, quanto a construção de um campo simbólico que reconhece práticas e comportamentos dos quais ele busca aproximar-se visando legitimação e distinção social.

Considerar a escrita como um lugar de memória, definido por Pierre Nora como espaço que “vive de sua aptidão para metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações” (NORA, 1993:22) significa entendê-la como território de disputa em torno da construção de sentidos. Longe de ser um processo neutro, a escrita é pautada por motivações pessoais e pelo lugar social ocupado e/ou almejado por seu produtor refletindo visões de mundo e interesses marcados no tempo e espaço de suas trajetórias. A escrita concebida como um lugar de memória pode ser um esforço de marcação identitária e uma batalha contra o esquecimento travada por seu produtor.

À medida que J. Miguel de Matos almeja e insere-se no mundo acadêmico, sua escrita reflete a aceitação das normas institucionais e a construção de um campo que garante ao autor, inserção entre os pares e reconhecimento de suas qualidades literárias. Pierre Bourdieu afirma que o posicionamento frente às normativas do grupo possibilita a distinção ou o anonimato cabendo àqueles que estão fora deste adequar-se às suas práticas a fim de tornarem-se aptos à participação nos grupos e instituições (BOURDIEU, 2001). A incessante busca por legitimação social para si travada por J. Miguel de Matos, aproxima-se daquilo que Pierre Bourdieu denomina de *habitus*, caracterizado como um poder simbólico capaz de “constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, e deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo” (BOURDIEU, 2002: 14). Nessa perspectiva suas escritas podem ser analisadas, como tentativas de dar sentido às suas vivências antes e depois da eleição para o sodalício, momento em que passou a compartilhar a economia das trocas simbólicas no interior da instituição, o que exigiu desse sujeito uma nova significação para suas práticas e sua trajetória de vida.

Entre os recursos utilizados por J. Miguel de Matos a fim de construir imagens de si a memória tem lugar de destaque, pois por meio dela, este escritor harmoniza seus discursos em torno da crítica, reconciliação e compromisso com a Academia Piauiense de Letras. Em *Pisando Meus Caminhos*, o escritor acrescenta na contracapa e em parênteses o subtítulo “memórias da infância e da adolescência”. Nessa obra de reminiscências, subdividida em 32

capítulos, o autor propõe-se a rememorar sua vida até o ingresso no Exército em 1941 e narra episódios de sua infância vivida inicialmente em Floriano e, posteriormente, Teresina, com destaque para descrições saudosistas sobre as casas e ruas em que morou, evidenciando a pobreza e dificuldades financeiras da família. Sobre sua infância, afirma J. Miguel de Matos:

Filho talvez do lar mais humilde da cidade de Floriano, nasci na madrugada de 29 de setembro de 1923, na antiga Rua do Molambo, hoje de novo batismo – ruazinha que seria palco, até os seis anos de idade, das traquinagens de um menino irrequieto e estranhamente triste, que muita atribulação dava à sua mãe, ora roubando os bolos de forno da Maria do Samuel, ora quebrando a cabeça de um colega de vadiação, ora chegando em casa, alvoroçando o coração de sua mãe, lavado de sangue, de cabeça quebrada, por ter recebido vingança de um colega que já conhecera o peso de seu braço ou a violência de sua dentada, compondo, muitos anos depois, transformado em poeta pelas manobras do destino, para retratar aquela fase da infância sem freios (MATOS, 1969:32)

Às narrativas sobre brincadeiras e vadiagens que, em inúmeras situações envergonhavam sua mãe, são acrescidos relatos sobre suas experiências de aprendiz na Usina Elétrica de Teresina e na Imprensa Oficial bem como as atividades de trabalho no comércio do sr. Omatti e como cobrador de ônibus onde vivenciou as primeiras paixões da adolescência. A trajetória escolar do autor, interrompida ao fim do primeiro ano ginásial em virtude de seu ingresso no Exército, é descrita como de extremo fascínio pelo mundo das letras e marcada por episódios de indisciplina que motivaram sucessivas expulsões, é assim rememorada:

A disciplina que só me chegou com a vida de caserna, onde plasmei durante vinte e seis anos a minha personalidade, era coisa que eu não conhecia em adolescente, fato que me fez amargar, mais no estágio que vai do fim do curso primário ao começo do currículo ginásial, várias expulsões, que não chegaram a me prejudicar a vida escolar pela ação hábil e penitenciosa de minha mãe, que bebia o trago amargo da humilhação para salvar o filho rebelde, batendo à porta dos meus mestres, que me atiravam, depois de julgamentos apressados, pela janela por insubordinação, fazendo contra mim, segundo me parecia, verdadeiros atos de injustiça, especialmente quanto tinham no libelo que levantavam contra minha conduta filhos de gente abastada, de quem jamais suporrei, mesmo tentando refrear o instinto refratário a certas renúncias, as vergonhas que quiseram me impor. Ainda hoje, para provar que a dignidade que a infância e a adolescência revelaram, ainda não esmagada sob a bota dos poderosos, revido, usando qualquer arma, qualquer investida à minha honra, embora as consequências sejam fatais à minha sensibilidade (MATOS, 1969: 67-68)

Ao rememorar estes momentos e transcrevê-los em sua integralidade em seu discurso de posse na Academia Piauiense de Letras, J. Miguel de Matos chama a atenção para as

dificuldades financeiras de sua família e para as arbitrariedades que acredita ter sido vítima. Tais elementos são recorrentes em sua escrita, sendo utilizados pelo autor como uma tática a fim de chamar atenção para o sofrimento e injustiças que acredita terem acompanhado sua trajetória. Utilizar-se de fragmentos de memória numa perspectiva tática, prática definida por Michel de Certeau como ação calculada que “segundo critérios próprios, selecionam fragmentos tomados nos vastos conjuntos da produção para, a partir deles compor histórias originais” (CERTEAU, 1994: 98) significa entender sua escrita como um espaço de resistência contra aqueles que o atacaram na infância, algo constantemente reafirmado pelo autor que, já na vida adulta, rememora suas experiências e as utiliza como arma contra aqueles que, em sua opinião, o perseguem no presente.

Entendida como uma tática capaz de construir discursos que (res)significam experiências a prática escriturística de J. Miguel de Matos pauta-se no ressentimento e dramatização de experiências vividas. Segundo Pierre Ansart, os sentimentos dos homens devem ser observados em suas trajetórias, cabendo aos pesquisadores não se aterem tão somente aos sentimentos ditos positivos, mas considerar os medos, as angústias, as frustrações, os desejos de vingança e as hostilidades ocultas que se revelam através de variadas atitudes (ANSART, 2004: 15-34) pois essas emoções forjam práticas sociais que procuram conquistar espaço ao serem reforçadas ou refutadas pelos indivíduos que as possuem, interferindo na construção da identidade individual e dos grupos com os quais esses se relacionam.

O constante reforçar das injustiças que acredita ter sido vítima dota o estilo narrativo de J. Miguel de Matos de forte tom dramático. Sendo impossível ao pesquisador avaliar a veracidade de suas narrativas ou mesmo mensurar seus sofrimentos, dialogar com sua produção escriturística nos permite, contudo, compreender esse indivíduo em suas singularidades e observar seu lugar de fala a fim de perceber como este representa e significa o mundo e os acontecimentos de seu cotidiano. Os estudos sobre as dimensões da memória e seus usos como fonte histórica chamam atenção para o caráter subjetivo do ato de lembrar. Produto de uma narrativa voluntária definida por Michel Pollack como “prática de seletiva, negociada e enquadrada utilizada com o objetivo de favorecer a identidade e a coesão social dos narradores e das posições e posturas por eles vivenciadas” (POLLACK, 1989: 3-15) a memória longe ser desprezada como fonte parcial, é encarada como um esforço por parte de

seu produtor em atribuir sentidos às experiências díspares, sendo não um resgate do passado mas uma construção do real.

O ato de rememorar não é entendido como algo involuntário e dotado de verdade inata mas sim como uma representação capaz de forjar discursos e práticas marcadas pelo lugar social dos sujeitos. Ao nos debruçarmos sob a forma como J. Miguel de Matos constrói a autobiografia de sua infância e adolescência – prática retomada em outras obras do autor – percebemos como ele articula narrativas sobre o passado e o presente nos permitindo compreender as tramas através das quais ele construiu suas representações de mundo e forjou sua identidade a partir dos lugares sociais por ele ocupados. Sobre as possibilidades do uso da memória como fonte histórica, Jacy Seixas nos chama atenção para o fato de que

A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação aos outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como “realmente” aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido “ao mesmo tempo no passado e no presente” – a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória (SEIXAS, 2004:51).

Tendo como referência suas campanhas para ingresso na Academia Piauiense de Letras, a produção escriturística de J. Miguel de Matos assume características díspares pois será o espaço de conciliação de experiências e discursos que oscilam entre estratégicos e táticos. Sua escrita reflete o esforço empreendido a fim de forjar sua identidade, sendo uma representação construída por ele de suas experiências vividas capaz de explicitar os lugares sociais ocupados e/ou almejados por esse indivíduo. À medida que escreve suas reminiscências, J. Miguel de Matos constrói sua identidade numa perspectiva tática, contudo, após 1973 este autor vê-se forçado a conciliar dois lugares de fala: de candidato preterido a acadêmico recém-eleito. Sua escrita será espaço de conciliação de experiências e discursos e nessa perspectiva, devem ser analisadas, também, como ação estratégica, definida por Michel de Certeau como uma macropolítica nas relações sociais, um “cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado” (CERTEAU, 1994: 99).

J. Miguel de Matos operacionaliza o uso de sua memória a fim de construir uma interpretação coerente de suas vivências. A construção da identidade como um instrumento tático é apontado por Stuart Hall como produto da pós-modernidade, sendo algo dinâmico e

situado do tempo-espaço, uma celebração móvel inserida num sistema de representação simbólico por meio do qual forma-se e transforma-se o vivido. Segundo o autor,

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existentes na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2011: 38-39)

Contudo, considerar a construção da identidade como algo inacabado e, no caso de J Miguel de Matos, pautado em fragmentos memorialísticos não significa tomar os relatos contidos em *Pisando Meus Caminhos* como sendo falsos. Considerando a potencialidade de suas narrativas como fontes históricas nos interessa compreender quais as motivações para essas escritas, ou seja, o que estas revelam sobre as experiências desse sujeito nesse momento específico de sua trajetória.

Voltemos então a J. Miguel de Matos a fim de entender como *Pisando Meus Caminhos* é fruto do esforço de rememoração sobre si empreendido por um escritor recentemente derrotado em sua primeira tentativa de ingresso na Academia Piauiense de Letras. Ao longo da narrativa, o autor refere-se à memória e ao ato de lembrar como “máquina de peças desiguais”, “montaria traiçoeira”, “veneno amargo da relembração” atribuindo a esse fazer um caráter fortemente emotivo e subjetivo posto que não é possível lembrar-se do passado como um todo o que força seu produtor a articular sua narrativa em torno de lembranças, esquecimentos e sentimentos positivos ou não.

Pisando Meus Caminhos caracteriza-se por seu teor autobiográfico, regido por aquilo que Phelipe Lejeune (2014) denomina de pacto, em que a validade do narrado advém do reconhecimento por parte do leitor de identidade entre as figuras do autor, narrador e personagem. A verdade do que é relatado só é perceptível e validada enquanto tentativa por parte do autor de dotar de coerência a sua existência. Embora evidencie que a memória é algo traiçoeira, quando da apresentação das motivações para sua escrita, J. Miguel de Matos compromete-se, logo nas páginas iniciais, com a verdade e afirma:

Ao escrever este trabalho de memorização, lutando desesperadamente contra as emoções que me são muito fáceis, atendo não só a insistentes rogativas de amigos mais chegados e de familiares mais íntimos, como ao desejo ardente de contar, valendo-me da verdade, a trepidante história da minha vida pelos caracteres das letras – ora balsâmicos, ora dolorosos; ora mansos como uma prece, ora violentos como uma catadupa; ora sublimes como uma palavra de perdão, ora cruéis como uma acusação injusta (MATOS, 1969: 29)

Assim como os diários íntimos e correspondências, as autobiografias constituem um corpus documental caracterizado como autorreferencial ou escritas de si. Registros de atos cotidianos ou relatos pautados na memória, tais fontes constituem-se como um suporte onde indivíduos interpretam, confessam, justificam, inventam e constroem sentidos sobre suas experiências. Aos historiadores interessados em suas análises convém questionar não a veracidade do narrado mas como esses relatos são um esforço de construção identitária por parte do seu produtor, momento em que esses indivíduos empenham-se para obter uma finalidade prática para si com seus relatos, ou seja, responder ao questionamento básico: como o que foi vivido até o presente os transformou no sujeito no que ora são?

Sendo originalmente um exercício de si para si, embora posteriormente tenham se convertido em objeto de consumo do grande público, as escritas de si (diários, autobiografias, correspondências etc) impõem uma nova relação entre verdade, saber e poder. Michel Foucault ao discutir a construção de escritas de si ainda na Antiguidade aponta que tais textos tinham entre suas finalidades o estabelecimento de vínculos identitários, a fim de atenuar os perigos da solidão mas também um uso disciplinador, pois ao serem pautados na verdade exigiriam de seus formuladores condutas aceitáveis e relatos transparentes destinados a auto-conhecimento ou auto-punição (FOUCAULT, 2010). Contardo Caligaris ao refletir sobre o estatuto da verdade presente em tais textos afirma que a escrita de autobiografias a partir do século XVIII coincide com a emergência da modernidade ocidental na qual o sujeito organiza sua visão de mundo através de suas narrativas. O advento da modernidade alterou o estatuto de verdade, sendo esta encontrada não apenas em comprovações materiais, mas presente no indivíduo que autentica sua validade em suas falas e comportamentos, posto que nesse contexto, “as condições de enunciação de uma mensagem se tornam tão importante quanto, ou mais importantes que, a mensagem mesma” (CALIGARIS, 1998: 47).

O compromisso com a veracidade dos relatos, quer sejam agradáveis ou não àquele que os rememora, é tido por J. Miguel de Matos como elemento que expressa coragem e

humildade do autobiógrafo, termo pelo qual J. Miguel de Matos se designa em *Pisando Meus Caminhos*. Em outra passagem, o autor reconhece os perigos da exposição de sua intimidade, contudo com o intuito de legitimar seus relatos e angariar a identificação de seus leitores, faz a seguinte revelação:

Quando o homem se dispõe, por auto-decisão ou para atender pedidos ardentes que lhe chegam aos ouvidos, a contar, desenrolando o novelo de sua infelicidade ou de sua desventura, a história de sua vida, acho que ele, em respeito à verdade, não deve deixar de revelar, num admirável gesto de coragem e independência, todos os momentos vividos. Não deve também o autobiógrafo, por injustificável egocentrismo, falar só de si – coisa que parece impossível o labirinto da vida pela imposição de fatores mesológicos, merecendo justa pena a cromatização intrínseca que pretenda usar a abusar. Daí porque o panorama da terra deve andar paralelo com o panorama da vida (MATOS, 1969: 76)

Nesse fragmento, ao afirmar que a história do indivíduo está ligada à de sua comunidade, J. Miguel de Matos valoriza sua experiência social. Ao rememorar a pobreza que marcou a etapa inicial de sua vida, ao mesmo que a associa às injustiças e falta de oportunidades, o autor rompe a relação causa-efeito-consequência ao não aceitar que a falta de recursos financeiros seja critério justo para o reconhecimento das potencialidades dos indivíduos. O autor atribui a *Pisando Meus Caminhos* um caráter didático para os jovens e afirma

E, escrevendo a história da minha vida, como se querendo mostrar que nela, apesar de humilde e pobre, possam haver fatos que sirvam de lição proveitosa aos que, temerosos e aflitos, se vão fazer ao grande mar da vida, vou buscar vez por outra no passado, por uma estranha vontade e por uma esquisita inspiração, um personagem vivo ou morto, dinâmico ou estático, como uma peça imprescindível ao funcionamento de uma máquina que se quer botar em movimento (MATOS, 1969: 120)

O autor atribui à sua narrativa o papel de lição motivadora e à medida que constrói-se como homem humilde e injustiçado evidencia que preconceitos relativos a origem social são vigentes na sociedade teresinense do período. Nesse sentido, o biografar-se é considerado por J. Miguel de Matos como uma “tarefa de mestre” perceptível em seus textos não-ficcionais e apontada por seus contemporâneos como marca característica de sua escrita. Ao referir-se a essa prática, o autor ao comparar-se com reconhecidos nomes das letras, atribui também outro sentido às suas memórias

Como Giovanni Papini e Humberto de Campos sou tachado de escritor autobiográfico porque, cada vez que tomo da pena ou do teclado da máquina de escrever, passo a falar dos fatos da minha vida e da minha luta, na tentativa de sarar, pelo recurso da palavra condimentada do sentimento ferido, as chagas que o meu destino costuma abrir no meu coração (MATOS, 1980: 33)

A memória construída sob o signo de ressentimento possui também função conciliadora, capaz de reativar feridas mas, sobretudo, capaz de dotá-las de sentido. Esta memória construída a partir do presente pode ser percebida no momento em que J. Miguel de Matos, a pretexto de apresentar a figura da “Doida Ângela”, personagem errante que circulava entre a Rua das Pedras e Rua Paissandu, narra episódios ligados à sua frustrada candidatura à Academia Piauiense de Letras. A “Doida Ângela” é descrita como alucinada que vagava pelas ruas e afirmava serem suas as estrelas do céu, sendo motivo de riso para os moradores da cidade, entre eles a mãe do personagem. J. Miguel constrói um relato sobre sua infância e associa-se a uma sensibilidade que o levava a pedir pra mãe “mostrando a angústia de quem quer ser atendido, este pedido: - Dá, mamãe, as estrelas p’ra Ângela ... Dá, mamãe...” (MATOS, 1969: 128). O escritor busca, por meio da escrita, associar-se às experiências de uma personagem que, assim como ele, almejava o impossível.

Nesse capítulo que, estranhamente, foge ao limite estabelecido pelo autor de narrar suas memórias da infância e adolescência, J. Miguel de Matos agradece a iniciativa da escritora Lili Castelo Branco que apresentou, em 1967, seu nome aos acadêmicos e, num tom de fingida conformação, J. Miguel de Matos questiona a decisão dos acadêmicos.

Pedindo, num doce gesto de sua bondade, para que eu entrasse para a Academia Piauiense de Letras, a escritora Emília Leite Castelo Branco, de nome literário Lili Castelo Branco, jamais imaginou, pela virgindade de sua pureza, estar preparando com a argila de seu amor, uma tempestade e trazendo do fundo do meu passado a doida Ângela, que tanto me encantou com suas alucinações inofensivas. E, mesmo antevendo a trovoada que iria gritar sobre minha cabeça e do corvejar dos abutres que iria aturdir os meus ouvidos, antes que os elementos em fúria comessem a ebulir, levei ao seu velho e sublime coração, ao pagamento da dívida que não cheguei a lhe dever pela negação do crédito, pois a Academia Piauiense de Letras continuou de portas fechadas para o menino amargo da Rua do Molambo, para que os tamancos do homem – pobres tamancos! – não maculassem os seus tapetes, as suas mãos humildes, que venderam cachaça na bodega de Michel Ommati, não desonrassem os punhos de ouro do espadim acadêmico e o seu corpo, entrajando tecido grosseiro, não enodasse os seus fardões dourados. E fiz chegar ao regaço de sua alma, afogando a pena no tinteiro dos olhos, estes grãos de agradecimento, pela coragem que teve de mexer numa casa de maribondos (MATOS, 1969: 125)

Diante desse fragmento, podemos – e devemos – nos questionar o que motivou o autor a atrelar sua frustrada candidatura aos relatos sobre os devaneios da Doida Ângela? Ser

imortal na Casa de Lucídio Freitas é apresentado como uma alucinação, sobretudo por tratar-se de um candidato nascido em família pobre e com pouco acesso a educação formal. Percebemos nesse trecho como o autor dramatiza sua situação canalizando atenção para si, o que motivou à época reações de apoio e rejeição. Fazendo uso dessa suposta marginalidade social, o escritor vitimiza-se, constrói sentidos sobre sua derrota e ataca os critérios acadêmicos tidos como conservadores, elitistas e excludentes. Ainda ao referir-se à iniciativa de Lili Castelo Branco, o autor reforça suas mágoas,

E quando o homem, tomado de súbito e raro sentimento de bondade – raio de luz que às vezes lume dentro de seu coração – sentido da minha dor, corre e me oferece um bastão para o meu amparo, uma côdea de pão para a minha barriga e um caneco d’água para os meus lábios, os coveiros da minha felicidade que crocitam sobre minha cabeça, tiram das minhas mãos o bastão e o caneco e da minha boca, que já ia se fartar, a côdea de pão, deixando o peregrino, de repente tão feliz, no mais completo abandono: as mãos mais vazias, a barriga mais faminta e a boca mais sedenta (MATOS, 1969: 124)

Consideramos esse capítulo, e o trecho acima apresentado, como central nessa narrativa memorialística e autobiográfica, sobretudo porque o fragmento citado foi escolhido pelo autor como epígrafe da obra. A memória expressa nesse texto, que será a base do seu discurso de posse na Academia Piauiense de Letras em 1973, reflete os ressentimentos de seu produtor e denuncia por meio dos suas falas e posicionamentos suas reais intenções.

Sendo uma prática seletiva que articula discursos díspares no tempo, no espaço e nas suas motivações a fim de construir representações sobre suas trajetórias, aquilo que, inicialmente parece ser “deslize” da memória pode ser entendido como manifestação das intenções do escritor, a partir de atribuição de sentidos a posteriori. Para além do interesse explícito e reiterado ao longo da narrativa que visa servir de lição para os mais jovens, por meio de fragmentos como este a obra pode ser entendida também como um instrumento tático de seu autor que, ao atribuir sentido ao que denomina de injustiças a ele atribuídas, acaba por chamar atenção para os interesses presentes nos momentos de eleição dos novos imortais.

O questionamento em relação aos critérios adotados pelos acadêmicos no momento das eleições aparece ainda em outras obras do autor publicadas após seu ingresso na Academia Piauiense de Letras. O fragmento a seguir apresenta trecho publicado em 1974,

Há muita injustiça na pesagem e na medida dos valores que se immortalizaram, entre nós, com o fardão da Academia Piauiense de Letras, diariamente julgados através de informações biográficas, que quase nada podem mostrar do que anda na cabeça

dos homens de pensamento que agora se acham, depois de vencerem tantas batalhas nas lutas do espírito, no justo repouso da glória. (MATOS, 1974: 236)

Percebe-se nesse texto, o tom de crítica à atuação social dos acadêmicos e nele J. Miguel de Matos atribui o marasmo que impera na cultura piauiense também à falta de atuação efetiva dos seus nomes ilustres escolhidos não por suas qualidades literárias mas por possuírem formação superior, pertencerem a famílias ilustres ou serem membros do governo. Esse tema é retomado por J. Miguel de Matos em seu discurso de posse quando, à medida que mostra seu parco acesso a cultura letrada, mais uma vez ataca os critérios acadêmicos:

Não trago para a Academia Piauiense de Letras, Senhores Acadêmicos, como seriam o normal, o canudo, o anel de doutor ou o título nobiliárquico, mas trago aquilo que o senhor Fontes Ibiapina, morador deste areópago, mesmo não tendo no meu nome, bagagem literária que, segundo ele “mais vale que um cabide de títulos precários – canudos, pergaminhos, anéis, togas – de tantos pretensiosos que se envergam em dois ao peso monstruoso e formidável de acúmulo de formaturas diletantes” (MATOS, 1980: 66)

Nesse fragmento o posicionamento de denúncia ganha novo sentido e, embora continue sendo uma crítica interessada torna-se um alerta. A posse do canudo, o pergaminho, o anel e a toga são denunciadas como requisitos necessários para ingresso na instituição. Mesmo já compondo o quadro de escritores imortais, J. Miguel de Matos tem sua identidade marcada pelas derrotas vividas e tem como marca característica de sua escrita – ora tática ora estratégica – o ressentimento em relação a esses episódios e justifica seus posicionamentos como um ato constante de defesa da literatura piauiense. Tomar o ressentimento como fonte de análise implica no compromisso por parte do pesquisador de rastrear indícios daquilo que tenta ser ocultado e traçar possibilidades de entendimento sobre os silenciamentos e intencionalidades.

O alerta sobre práticas alheias ao fazer literário presentes na Academia Piauiense de Letras aparece em outras obras de J. Miguel de Matos como *Garimpagem*, publicado em 1980 e que reúne textos publicados nos jornais da cidade e de suas atividades como acadêmico imortal (discursos de recepção e elogios fúnebres). Assim como os relatos apresentados em *Perfis* (1974) e *Mosaico* (1976), percebe-se a constante tentativa de articulação do posicionamento crítico em relação às posturas acadêmicas, tido por ele como sua missão, com seu novo papel de escritor imortal. O trecho a seguir, mostra como essa tentativa de harmonização discursiva processa-se em J. Miguel de Matos:

Na trepidante história da Academia Piauiense de Letras, como na história dos grandes feitos do Homem na cruel caminhada da vida, há de se distinguir, por legítimo direito, o trabalho excepcional de alguns de seus membros – da sua aurora em 1917 até hoje, que pelejaram e sofreram mais do que os outros, carregando no ombro frágil e no espírito solar, como um Nazareno do sonho, pelos caminhos ingratos das Letras a Casa de Lucídio Freitas: aqui, debaixo do aplauso que eleva; ali, combatidos pela agressão que reduz as forças; mais além, deprimidos pela chacota que faz baixar a chama ardente do estímulo, da razão e da vontade. [...] Resista a Academia a essas dificuldades [...] Injustiças tem sido cometidas, é verdade. Mas, eram inevitáveis. [...] para colocar em permanente estado de alerta o academismo piauiense, para que no futuro, que o tempo traz tão ligeiro, não deplore em tardio arrependimento, a ausência, na Academia Piauiense de Letras, por culpa do ritmo generoso do coração, de grandes valores, e o assento nela de mediocridades engalanadas (MATOS, 1980: 67-68).

O trecho evidencia o posicionamento de J. Miguel de Matos após sua eleição marcado pela defesa da instituição acadêmica a partir do elogio de sua trajetória histórica, da missão exercida no campo cultural bem como o ressaltar das dificuldades de atuação mas também de crítica a alguns de seus membros, sobretudo aqueles que lhes negaram voto.

Em outra momento, J. Miguel de Matos discute as dificuldades que permeiam a vida cultural do Estado. Ao referir-se às dificuldades e se editar obras no Piauí, forçando os escritores a viver “de pires na mão”, dependendo das iniciativas estatais e de elogios a indivíduos que fazem parte das comissões avaliadoras e que podem, de alguma maneira influenciar, a seleção de suas obras afirma o autor:

a causa maior do nosso raquitismo literário [...] sempre em paga da oferta de um livro que chega às mãos do crítico especializado, do colega de ofício, do companheiro de repartição pública ou de amigo comum [...] sem passar a obra pela abertura de um estudo crítico e sem ser submetida ao crivo de opinião abalizada e honesta. (MATOS, 1974: 49)

O fragmento evidencia as dificuldades da cultura no Piauí mostrando que as dificuldades de publicação não se devem apenas à existência de reduzido público leitor mas também ao circuito fechado da edição, circulação e crítica, o que obriga o escritor a desejar o pertencimento a instituições já reconhecidas onde poderá contar com um poder simbólico evidenciado em amizades e críticas elogiosas capazes de contribuir para divulgação e publicação de suas obras junto ao poder público.

Atrelada a essa função prática do pertencimento a instituições culturais reconhecidas, J. Miguel de Matos atribui ao longo de sua trajetória outros sentidos à sua luta à sua luta pelo

ingresso no sodalício. Em tom ora conciliador, ora vingativo e denunciador, o acadêmico apela a acontecimentos familiares para justificar seu recorrente desejo pela imortalidade acadêmica e afirma:

Na noite de 18 de dezembro de 1973, quando minha mãe completava oitenta e quatro anos, em solenidade no Auditório Herbert Parentes Fortes, recebido pelo Acadêmico José de Arimathéia Tito Filho, eu tomava posse na cadeira nº 5, da Academia Piauiense de Letras, fundada por Edison da Paz Cunha e patronímica de Areolino Antônio de Abreu, depois de uma luta de seis anos, em que a possível vaidade da imortalidade acadêmica de um escritor sem dúvida incipiente, foi substituída por um compromisso moral de um candidato que viu cair dos olhos de sua filha, em uma de suas derrotas, as lágrimas que lhe brotaram do coração ferido, mesmo que tivesse padecido, carregando sobre os ombros a cruz da maldade humana, os piores vexames, que esta confissão, contida no meu livro "Perfis" (Companhia Editora do Piauí S.A – COMEPI), tão bem traduz (MATOS, 1980: 59)

Para J. Miguel de Matos, suas candidaturas e posterior ingresso na Academia Piauiense de Letras representam um momento significativo em sua trajetória pessoal, um momento simbólico representado também pelo aniversário de sua mãe. O desfecho de suas campanhas marcadas pela persistência e emoção apresenta um escritor ciente do poder simbólico que gozam os acadêmicos e tenta dissimular suas reais intenções ao afirmar que não foi motivado pela vaidade pessoal mas pelo compromisso moral de reparar sua dignidade ferida. A posse é entendida como uma vitória em que mais uma vez compromete-se com a cultura piauiense, reafirmando sua convicção de que a falta de recursos financeiros não pode ser critério de eliminação das qualidades literárias dos indivíduos, sendo possível por meio da escrita a conquista da distinção social.

Constantemente ressignificada por J. Miguel, o processo de identificação e construção de sentidos em torno de sua atividade como literato processa-se em sua produção escriturística não-ficcional e constitui-se como fonte importante para discussão sobre os jogos de poder e dificuldades que permeiam a cultura piauiense. Além disso, seu livro de memórias *Pisando Meus Caminhos* e outras obras escolhidas para discussão nesse texto nos revelam a experiência de um sujeito comum que se utilizou duplamente da escrita a fim de conquistar a imortalidade pois essa, ao mesmo tempo que o habilita à Academia Piauiense de Letras, foi tomada como instrumento pelo qual J. Miguel de Matos travou disputas e dotou de sentido suas derrotas e sua posterior, eleição como imortal.

Sua escrita constitui-se assim, como uma prática endereçada e interessada, que utiliza a memória com uma finalidade específica pois

No lugar do caráter espontâneo e natural, ressaltam-se os empreendimentos deliberados de reconstrução empreendidos pela memória, que responde por via de regra a demandas e interesses políticos. Toda memória é fundamentalmente “criação do passado”: uma reconstrução engajada do passado (muitas vezes subversiva, resgatando a periferia e os marginalizados) e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstroem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento (SEIXAS, 2004: 41-42)

Dotada de força política, a escrita é entendida como forma de resistência, um contrapoder interessado em construir e atribuir novos sentidos sobre os acontecimentos. Nessa perspectiva, o uso tático da memória e dos ressentimentos adotado por J. Miguel de Matos em sua obra autobiográfica e em seu discurso de posse mostram como esses podem ser utilizados com uma finalidade utilitária-política a fim de mobilizar atenção para aquilo que é narrado e ser instrumento de construção e competição das diferentes versões dos acontecimentos. Ressignificar o passado por meio da memória e narrá-lo sob o compromisso com a verdade, tal como o operacionalizado por J. Miguel de Matos, expressa mecanismos de construção de identidades que evidenciam como os sujeitos vivenciam o mundo, e pautados em seus interesses dão sentido às suas existências.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia (org). Memória e (res)sentimentos: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Unicamp, 2004.

CALIGARIS, Contardo. Verdades de autobiografias e diários íntimos. Estudos Históricos. Revista do CPDOC/FGV, Rio de Janeiro, n. 21, v.11, 1998.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1987.

FOUCAULT, Michel. Ética, Sexualidade e Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LEJEUNE, Philippe. O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MATOS, J. Miguel de. Garimpagem. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1980.

MATOS, José Miguel de. Mosaico. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

MATOS, José. Miguel. Perfis. Teresina: COMEPI, 1974.

MATOS, José Miguel de. Pisando Meus Caminhos. Fortaleza: Ed. Henriqueta Bueno, 1969.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto história, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

POLLACK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, 1989.

REVISTA DA ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS. Discurso de Posse de J. Miguel de Matos. Teresina, ano 63, n.2, 1980.